

# Cinco décadas de Economia

**U**ma análise retrospectiva dos últimos cinquenta anos da economia brasileira revela que a questão do desenvolvimento econômico sempre esteve em pauta, disputando espaço com crises, instabilidades internas e externas, planos econômicos, pacotes e reformas. Para fazer um balanço dessa história, a GV-executivo convidou Luiz Carlos Bresser-Pereira, ex-ministro da Fazenda. Nesta entrevista, o professor da EAESP fala sobre economia brasileira e sobre a participação da Escola em momentos importantes da história do país.

por César Nazareno Caselani FGV-EAESP

## Qual sua visão sobre as últimas cinco décadas de economia brasileira?

**Luiz Carlos Bresser-Pereira:** O Brasil se desenvolveu de maneira extraordinária entre 1930 e 1960. Em 1964, assistiu a sua primeira grande crise, voltando a se desenvolver fortemente a partir de 1967 até 1980. Nesse primeiro

período, entre 1930 e 1980, o país talvez tenha alcançado as maiores taxas de crescimento econômico do mundo – em termos brutos, não em termos *per capita*. Houve também uma fase importante de industrialização, singela até pelo menos 1955, mas depois intensa nos anos seguintes, com a industrialização pesada de automóveis, bens de capital e in-

sumos básicos. Todo esse desenvolvimento foi alcançado graças a uma intensa associação entre empresários, governo e trabalhadores, tendo o Estado como grande agente catalisador e a idéia de construção de uma nação como um dos motivadores principais. No entanto, a partir da década de 1980, o país contraiu um excessivo endividamento externo, o que o levou a uma crise de balanço de pagamentos, como resultado do fracasso do modelo demasiadamente protecionista que havia mantido durante a década de 1970 e que precisava ser modificado.

**A taxa de juros interna do país é algo absurdo que não se constata em nenhum outro lugar do mundo, nem entre os países mais pobres da América Latina. O resultado é uma sangria do tesouro brasileiro, impedindo qualquer desenvolvimento, tanto do Estado quanto das empresas.**

#### **E o período seguinte?**

**LCBP:** O período que vai de 1980 a 1994 foi marcado por estagnação econômica e alta inflação, pois a crise fiscal e a balança de pagamentos, somada à indexação da economia, que tinha sido implantada desde 1964, tiveram um efeito explosivo e forçaram à elevação nas taxas de inflação inercial. Ao mesmo tempo, esse foi também um período de grandes reformas, como a reforma financeira conduzida pelo Ministério da Fazenda, que, entre outras coisas, restringiu os orçamentos do governo. O câmbio foi desvalorizado, com sucesso, em 1983. A partir de 1987, teve início a abertura comercial do país, a privatização de grandes empresas estatais e a renegociação da dívida externa. No início da década de 1990 houve um rigoroso ajuste fiscal e uma nova renegociação da dívida, finalizada em 1993. Logo em seguida, em 1994, surgiu o Plano Real, que acabou com os altos índices de inflação, neutralizando a inércia inflacionária. Naquele momento, o endividamento externo do país tinha diminuído um pouco, enquanto a dívida pública in-

terna tinha diminuído bastante em relação ao PIB. O Brasil estava pronto para crescer, mas não cresceu! Permaneceu semi-estagnado, com uma taxa de crescimento de 0,7% ao ano, em média, contra uma taxa de crescimento de 4% ao ano, em média, no período anterior.

#### **Mas quais foram as principais razões para o Brasil não ter crescido nesse período?**

**LCBP:** A razão relacionava-se com a política adotada pelo governo em função do contexto mundial, que era de globalização e de neoliberalismo. Havia a crença de que apenas o mercado deveria coordenar a economia e de que o Estado nacional não tinha mais a mesma importância de que desfrutava em períodos anteriores. Com o tempo, no entanto, constatou-se que essas crenças eram gigantescos equívocos, a julgar pelo fato de que os países asiáticos continuaram em uma linha de

grande desenvolvimento durante a década de 1990, enquanto a América Latina, que acreditou nessas crenças, não experimentava o mesmo crescimento. Se você observar bem, a estratégia de desenvolvimento de todos os países que se desenvolveram nesse século XX, a partir do Japão, depois Alemanha, Itália e, no pós-guerra, Coreia, Taiwan, Cingapura, bem como China, Índia, Indonésia, Tailândia e Malásia, se baseou em taxas de câmbio relativamente desvalorizadas. Tal estratégia segura os salários no curto prazo, mas faz com que os países cresçam vigorosamente no médio prazo, além de elevar a poupança e abrir mercados no exterior, o que também dinamiza o desenvolvimento do país.

#### **Essa é uma das razões para a evolução dos tigres asiáticos, ao mesmo tempo em que o Brasil permaneceu estagnado?**

**LCBP:** Exatamente. Aceitamos a idéia de crescimento econômico baseado no acúmulo de poupança externa e abertura da conta financeira. O Brasil foi favorável a essa idéia pois

achava que, com isso, se tornaria mais competitivo, o que infelizmente se revelou um desastre, pois o resultado foi a perda do controle da taxa de câmbio, que é uma taxa fundamental, o preço mais estratégico que existe em uma economia. Com essa idéia de crescimento com poupança externa, a entrada de capitais gerava impactos sobre o câmbio, elevando artificialmente os salários e o consumo. No entanto, a poupança doméstica era rebaixada de tal forma que, no final do processo, o que restava era uma dívida muito maior, sem qualquer aumento nos níveis de investimento. Foi exatamente o que aconteceu no Brasil e em toda a América Latina. Considero esse mecanismo algo muito grave. E é justamente por considerá-lo grave que tenho procurado fazer críticas à idéia de crescimento com poupança externa e abertura da conta financeira. Penso que essa crítica é tão importante para o Brasil como foi, nas décadas de 1940 e 1950, a crítica feita por Celso Furtado às leis de vantagens comparativas do comércio internacional.

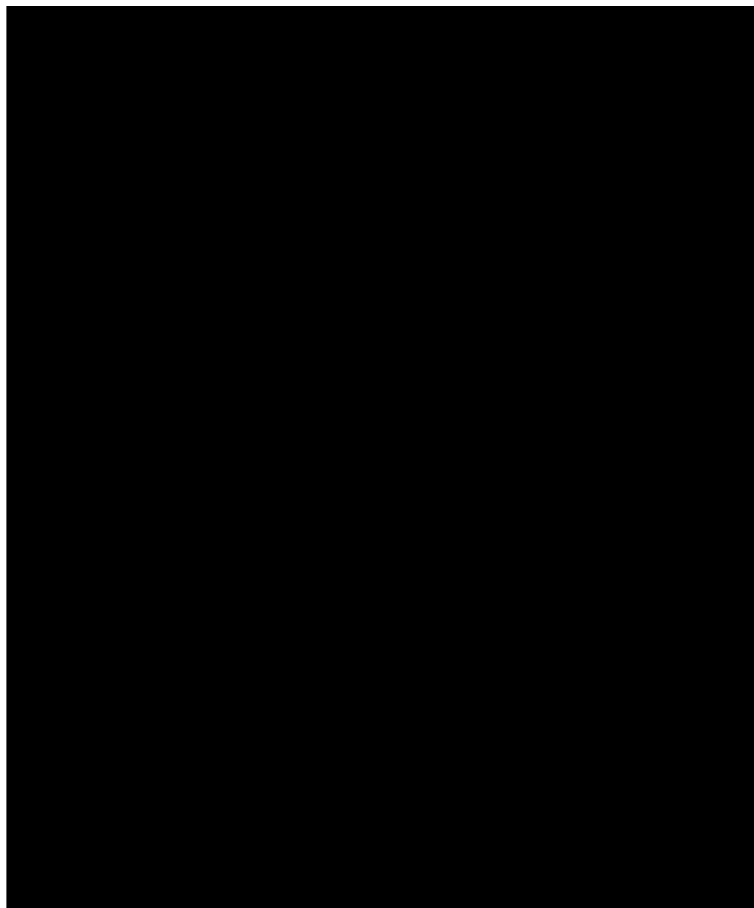
### **Como o senhor destacaria o papel da Escola na economia brasileira, tendo como pano de fundo esse quadro?**

**LCBP:** Entrei na EAESP no dia 1º de abril de 1959. O Brasil, nessa época, era um país em pleno desenvolvimento, que começou desde os anos de 1930 com Getúlio Vargas e sua revolução nacional e industrial. Esse período se prolongou até a época de Juscelino Kubitschek, que conseguiu formar um grande acordo, apesar de informal e impreciso, entre empresários, trabalhadores e técnicos do governo, em torno da idéia de desenvolvimento nacional. Com o fim do governo JK, o Brasil começou a sofrer uma grande crise de desenvolvimento. Esse governo havia deixado uma herança de grande déficit público e de desequilíbrio cambial. Jânio Quadros, o novo presidente eleito, começava seu governo com essa herança que mais tarde, com sua renúncia, culminaria em uma grave crise econômica e política, que duraria quatro anos. Apesar da crise, esse foi um período em que a Escola se expandiu bastante. A partir de 1967, o país começou a crescer

fortemente, entrando no período chamado de “milagre econômico”, de 1967 a 1974. Em 1970, fundamos o Departamento de Economia, contratando professores e montando a estrutura, e criando, logo depois, uma área de concentração em Economia de Empresas e, finalmente, o mestrado e o doutorado em Economia. Ao mesmo tempo, a Escola começava a ganhar destaque como centro de excelência na formação de quadros econômicos para o Estado de São Paulo. Em 1980, por exemplo, a revista *Visão* fez uma reportagem sobre a EAESP, trazendo ex-alunos famosos. Esse foi um período muito vivo, pois a Escola se tornou um centro de pensamento e debate muito grande, tanto na graduação como na pós-graduação.

### **E a crise da Escola no início da década de 1980?**

**LCBP:** Este é um outro aspecto importante da história da Escola e que não está desconectado da história econômica



do país. A grande crise ocorreu em 1981, quando começou a crise econômica brasileira e o Ministério da Fazenda cortou o subsídio que dava à FGV do Rio de Janeiro. A Fundação resolveu então fechar todos os cursos de graduação, inclusive em São Paulo. O diretor da época reuniu a Congregação, empresários e políticos de São Paulo, e conseguimos reverter a situação. Houve, a partir daí, uma grande mudança na Escola, pois subitamente percebemos que a EAESP, apesar de pública, não era estatal. Era uma entidade sem fins lucrativos, com autonomia, e tinha de sobreviver por conta própria. O modelo da EAESP mostrou que serviços sociais importantes, como educação e saúde, poderiam ser realizados por organizações públicas não-estatais, sem fins lucrativos, mas flexíveis, autônomas e responsáveis.

## **Montamos um sistema perverso no Brasil, que não precisa de reformas nem de política industrial para ser desmontado, mas de coragem e determinação, somadas a um rigoroso ajuste fiscal e cambial.**

**Quais lições o senhor acredita que nosso passado econômico nos ensina? O que o Brasil deveria fazer, ou não fazer, daqui para frente a fim de viabilizar o crescimento econômico?**

**LCBP:** Para responder, volto ao ponto mencionado sobre a estratégia equivocada, recomendada por Washington e Nova York a partir da década de 1990, de basear o crescimento econômico em uma política de poupança externa. Essa estratégia não permite uma estabilidade macroeconômica. Até hoje não tivemos essa estabilidade, que não é apenas uma estabilidade de preços, mas também de contas externas, que só agora conseguimos, depois de duas crises cambiais, uma em 1999 e a outra em 2002. A estabilidade das contas fiscais ainda está para ser alcançada, pois nosso déficit público continua bastante elevado. Sem mencionar as elevadas taxas de juros que pagamos sobre a dívida pública brasileira, algo em torno de 10% do PIB. A taxa de juros interna do país é algo

absurdo que não se constata em nenhum outro lugar do mundo, nem entre os países mais pobres da América Latina. O resultado é uma sangria do tesouro brasileiro, impedindo qualquer desenvolvimento, tanto do Estado quanto das empresas.

**O argumento é de que essas taxas existem para atrair o capital externo. É desse tipo de capital que realmente precisamos?**

**LCBP:** O capital externo que nos interessa é o capital das empresas multinacionais, que são financiadas pelos seus lucros e melhoram na razão direta de quanto crescer a economia. Também precisamos dos financiamentos de longo prazo, que são gerados pela taxa de juros que o Brasil paga no exterior e que inclui o risco Brasil, que é suficientemente remuneratório. A baixa da taxa de juros Selic afeta muito pouco a taxa de lucro de longo prazo que o tesouro nacional paga. Essa taxa diminui a atração de capitais especulativos, que vêm no curtíssimo prazo e não interessam ao Brasil. Na verdade, o Brasil é um país muito endividado e não pode crescer com poupança externa; ou seja, com mais endividamento. Poupança externa significa déficit em conta corrente, que, por sua vez, significa aumento do endividamento externo.

**Devemos então pensar que o caminho para o crescimento econômico envolva reformas?**

**LCBP:** Acredito que as reformas sejam muito necessárias e obviamente devemos continuar a realizá-las. É isso que desejam os empresários e os norte-americanos. Participei de muitas reformas, como a da abertura comercial do Brasil, como Ministro da Fazenda; da Privatização e da Previdência; e da reforma da gestão pública. No entanto, sou a favor de reformas apenas se elas fortalecerem, simultaneamente, o Estado e o mercado. Sou a favor também de uma boa política industrial, de um melhor planejamento do Estado e de uma maior intervenção deste em certos setores. Entretanto, nada disso é fundamental para o desenvolvimento do planejamento econômico brasileiro. No curto prazo, o fundamental é que o

Brasil recupere sua estabilidade macroeconômica, o que depende de se adotar as políticas corretas na área cambial e na taxa de juros básica.

### **Podemos então dizer que o Brasil só vai crescer se conseguir gerar poupança interna?**

**LCBP:** Poupança interna só se faz com crescimento! O Brasil só vai crescer se tiver uma taxa de câmbio adequada – o que inclusive aumenta a poupança interna – e uma taxa de juros adequada – não uma taxa de 10% do PIB, como temos hoje, mas algo em torno de 3% ou menos. Isso é perfeitamente possível. Montamos um sistema perverso no Brasil, que não precisa de reformas nem de política industrial para ser desmontado, mas de coragem e determinação, somadas ao ajuste fiscal que deve continuar, pois é fundamental. É claro que reformas ajudam a fazer o ajuste fiscal, mas os efeitos dessas reformas só se fazem sentir com o tempo. Quando

o país se estabilizar em termos macroeconômicos, baixando os juros, ele conseguirá manter o superávit primário, podendo inclusive aumentá-lo, pois se torna possível usar parte do dinheiro para amortizar as dívidas públicas. Com isso, conseguiremos aumentar a poupança pública e viabilizar o desenvolvimento. Uma taxa de câmbio adequada também aumenta a poupança privada por meio da redução do salário real, reduzindo assim o consumo de bens importados e incentivando o crescimento. Por fim, quero destacar que sou um keinesiano e, como tal, acredito que a poupança aumenta com o investimento, e não vice-versa. No entanto, para isso é preciso haver condições de poupança, propiciadas principalmente pela mudança na taxa de câmbio.

César Nazareno Caselani

Prof. do Departamento de Informática e Métodos Quantitativos  
Doutorando em Administração na FGV-EAESP

E-mail: ccaselani@fgvsp.br

**Mailing List**  
Atualização Constante: taxa de 99,3%.  
Segmentação: ramo de atividades - porte por número de funcionários - cargo e área de atuação do executivo - região geográfica.

**Auto-envelopado**  
Modelo de mala direta econômica (já impresso com personalização - dobra - cola e serrilha) e eficaz (aparência de boleto bancário, aumentando assim a taxa de abertura).

**E-mail Marketing**  
Mídia interativa e personalizada.  
Agilidade: 12 mil e-mails/hora.  
Relatório de controle de envio.

**Fax Marketing**  
Divulgação de tabelas, comunicativos, convites, boletins, promoções, pesquisas de satisfação e cartas através do envio de fax.  
Personalização.

**Mission Marketing Direto**  
Informe o código MS1506 e tenha 10% de desconto!  
Ligue: 11 3067-6902  
marketing@mission.com.br  
www.missionmd.com.br